

# JOÃO CABRAL E GASTÃO CRUZ: O PULSAR DO TEMPO NO POEMA

Rosanne Bezerra de Araújo  
Dra. em Literatura e Cultura  
UFRN

## RESUMO

Esse estudo pretende investigar a temática do ‘tempo’ na poesia de João Cabral de Melo Neto e de Gastão Cruz. Elegeu-se **A moeda do tempo e outros poemas** de Gastão e alguns poemas das obras **Serial** e **Museu de tudo** de Cabral. A literatura comparada entre esses autores proporciona uma compreensão da importância do tempo e da memória na obra de ambos. O tempo estudado nos versos é o tempo do homem, é o tempo da vida, é o pulsar da existência em cada verso, cada palavra, cada instante. Os versos trazem pedaços de vida, que oscilam entre o presente, o passado e o futuro. A tarefa do leitor é compartilhar desse tempo e da ética desses poetas que escrevem com o rigor estético, mas sem deixar de lado a alma.

**PALAVRAS-CHAVE:** tempo, poesia, memória

## ABSTRACT

This work investigates the theme of ‘time’ in the poetry of João Cabral de Melo Neto and Gastão Cruz. **A moeda do tempo e outros poemas**, by Gastão Cruz, and some poems taken from **Serial** and **Museu de tudo**, by João Cabral, have been chosen. The comparative study of the literature of both poets provides us a comprehension of the importance of time and memory in their work. The ‘time’ studied in their poems is the time of mankind, the pulse of the existence in each verse, each word, each instant. The verses bring us pieces of life that wobble between past, present and future. The task of the reader is to experience the time and the ethics of these poets whose writing is committed to the aesthetic demand of poetry, without forgetting the soul.

**KEYWORDS:** time, poetry, memory

O trabalho tem como proposta estabelecer um diálogo entre os poetas Gastão Cruz (1941-) e João Cabral de Melo Neto (1920-1999). Um dos aspectos salientes na obra de ambos é o tema do tempo. A poesia experimental do poeta português possui grande influência de poetas brasileiros, desde o concretismo de Haroldo de Campos e temas cotidianos em Drummond até a lição de rigor da poesia de João Cabral. Assim como em Cabral, a criação poética de Gastão Cruz traz a visão de sua época fundida na imagem poética do real.

A reflexão sobre o tempo como um tema relevante na poesia remonta não só ao conhecimento crítico e filosófico sobre o tempo, mas, sobretudo à vida, ou melhor, ao transcorrer da vida no pulsar do poema. Quando lemos poemas experimentamos diversos tempos, diversas durações: o tempo da alegria, da tristeza, do prazer, da dor, da juventude, da velhice, do amor e da morte. O tempo da poesia é uma anulação do tempo convencional, ao mesmo tempo em que instaura o perpétuo desdobramento do texto/poema enquanto espaço-tempo da folha.

A Filosofia tenta compreender o tempo, mas a poesia consegue ir mais além, apreendendo o tempo do lado de dentro do ser, como se este fosse uma substância que pudéssemos apalpar, como se fosse algo espesso que, captado pelos cinco sentidos do poeta, pudesse ser perfurado pela ponta de uma “agulha”, como sugerem os versos de Cabral em “Habitar o tempo”, de **A educação pela pedra** (1962-1965):

Para não matar seu tempo, imaginou:  
vivê-lo enquanto ele ocorre, ao vivo;  
no instante finíssimo em que ocorre,  
em ponta de *agulha* e porém acessível;  
viver seu tempo: para o que ir viver  
num deserto literal ou de alpendres;  
em ermos que não distraiam de viver  
a *agulha* de um só instante, plenamente.      [Grifos nossos]

Sobre Cabral, a temática do tempo em sua obra já foi abordada por estudiosos como José Guilherme Merquior (1997), Marta de Senna (1980) e Rosanne Araújo (2002). Crítico arguto, Merquior, por exemplo, realiza uma análise original e apurada, revelando a preocupação estética do poeta associada à meditação em torno da relação ser/tempo na obra **Anfion**. Com agudeza, Merquior ressalta como se dá a construção da poesia cabralina. Já Marta de Senna e Rosanne Araújo tentam percorrer a obra do poeta caracterizando o tempo em cada uma delas.

Gastão Cruz, por sua vez, demonstra que o tempo é um tema inerente a sua poesia. O poeta busca inovar a poesia, revitalizando o verso e dando autonomia ao poema, sem esquecer a influência da presença de autores anteriores. Para este trabalho foram selecionados poemas de *A moeda do tempo* (2006) e *A colher de Repercussão* (2004). Sendo o tempo um dos temas principais

de Gastão Cruz, assim como também um tema que perpassa toda a obra de João Cabral, procura-se investigar o ser do tempo e seus desdobramentos no espaço do poema. Em Cabral nota-se o empenho em estabilizar o tempo na moldura estática do poema, bem como na memória do poeta, tal é o exemplo em **Museu de tudo** (1974). Já em Gastão Cruz, o tempo do mundo é retratado no transcorrer da vida, no amor, na desilusão e na morte, temas pertinentes na poesia do poeta contemporâneo português.

Gastão Cruz estreou seus poemas com **Poesia 61**, que foi uma publicação coletiva da qual fizeram parte Maria Tereza Horta, Casimiro de Brito, Fiana Hasse Pais Brandão e Luiza Neto Jorge. Desde então publicou vários livros, sendo o mais recente **A moeda do tempo** (2006) com o qual recebeu o Prêmio Literário Correntes d'Escritas/Casino da Póvoa 2009. O exercício com a linguagem é uma preocupação constante de Gastão Cruz, assim como o foi para João Cabral. Ambos os poetas são atentos à situação do sujeito no mundo e à reflexão sobre morte e vida, mas sem esquecer a estética da linguagem poética e o alto rigor da feitura dos versos. Como afirma o estudioso Luis Maffei, no prefácio do livro **A moeda do tempo e outros poemas** (2009), a poesia gastoniana cobra do leitor uma atitude atenta e reflexiva sobre sua poesia. Ao adentrarmos os versos do poeta português vemos que sua obra apresenta diversas fases. Gastão possui traços simbolistas, barrocos e maneiristas. Seus poemas apresentam uma reflexão sobre a linguagem, mas também apresentam uma face política, pondo o mundo em versos e a visão poética de situações vivenciadas pelo homem.

Eis o poema que abre a obra **A moeda do tempo**, cujo título é o mesmo do livro:

Distraí-me e já tu ali não estavas  
vendeste ao tempo a glória do início  
e na mão recebeste a moeda fria  
com que o tempo pagou sua entrada

A memória é um tema pertinente na poesia de Gastão assim também como para João Cabral. No poema *A moeda do tempo*, o passado parece ser negociado entre o comprador, “tempo”, e o vendedor, ou seja, o indivíduo que deseja apagar o rastro do seu passado. *A glória do início*, no segundo verso, corresponde ao passado que o tempo oculta em troca de uma “moeda fria”. Essa “moeda fria”, como metáfora da finitude da vida, corresponde a um presente frio, que se aproxima aos poucos da morte. A palavra “tempo” é mencionada duas vezes no poema, no segundo verso e no último. O poema revela que o tempo nos acompanha desde o início glorioso até o final, até a morte, até a “moeda fria” que recebemos em troca de um passado glorioso.

Em outro poema, *Nós o mundo*, Gastão Cruz traz o tempo como a consagração do instante, o eterno escorrer dos acontecimentos e sentimentos. Somos somente enquanto existimos na contagem

do tempo, na rotina do mundo, na roda de acontecimentos, diante das pessoas e estações que parecem nos entreter, preenchendo nossa existência enquanto a morte não chega. Somos feitos de tempo, dos sentidos, das estações. Quando a ampulheta do tempo estiver gasta, perderemos toda essa existência, que se abre para nós como um grande parêntese, enquanto há vida. Após a extinção da matéria seremos “nada”, seremos apagados com uma borracha, assim como o poeta apaga seus versos. Seremos finalmente reduzidos a nossa “consciência vazia”. Depreende-se do poema a ausência de uma crença em uma existência pós-morte. A visão materialista do poeta pode ser identificada na passagem: “prosseguimos/sem crença nessa via”. Semelhante pensamento é encontrado em João Cabral, conhecido pela crítica como o poeta antilírico, sem alma, sem crença, sem ligação com temas metafísicos.

O encadeamento desse poema de Gastão Cruz, produzindo uma sequência de *enjambements* do início ao final, parece imitar o ritmo da vida, o compasso da caminhada humana, uma existência preenchida de acontecimentos sem interrupção, sem intervalo, até o dia em que o pulsar da vida seja rompido, até o dia em que atravessaremos o outro lado e chegaremos ao “nada”, “à minha consciência já vazia”, como diz o último verso. A opção por essa desorganização métrica e sintática causada pelo *enjambement* ilustra bem o ritmo caótico e desalinhado do ritmo da vida. Eis o poema por inteiro para o melhor entendimento de sua completude:

O mundo acabará quando não formos nós  
o mundo: tudo existe  
somente no olhar; gente passa  
diante da esplanada no final de  
julho quando ainda  
os pulmões do verão inspiram o vapor  
espesso do corpo como de alma um resíduo  
e expiram o ar que seca o espírito:  
este rodar de  
gente e de estações  
iludindo o sentido a que acedemos  
devagar, tarde para  
o conhecimento que poderia ter-nos  
mudado a vida, prosseguimos  
sem crença nessa via  
olhando os corpos, sobretudo os  
nossos plural que guarda  
a dúvida de que a  
extinção do corpo nos atinja  
sozinhos, o mundo somos nós  
di-lo a poesia recordando  
os sentidos quando o mundo  
perdiam, ou julgamos agora  
que perdiam o que rapidamente  
atravessava o desejo do dia: nada  
o extingue, o desejo de que o fogo  
a exacta metáfora seria, porém

não vou usá-la apagarei os  
versos como um dia  
os irá apagar o mundo reduzido  
à minha consciência já vazia

Além da *moeda do tempo*, outras de suas obras também abordam a temática do tempo, como revela o poema *A colher* de **Repercussão** (2004):

Reabro uma  
gaveta da infância  
e encontro a colher em desuso caída  
a sopa lentamente se escoando  
no prato fundo:  
a vida  
em certos dias tinha a forma  
daquele objecto antigo  
tocando-me nos  
lábios com um calor excessivo

O conteúdo da “gaveta” leva o poeta de volta a sua infância. Como a *madeleine* em Proust, que trazia um redemoinho de lembranças da infância do narrador, Marcel, a infância, neste poema, também é retomada através da memória involuntária do poeta. Aqui a memória é acionada pela “colher”. Tal memória traz um poder sinestésico, pois o poeta recorda-se até do “calor excessivo” daquela colher de sopa tocando-lhe os lábios. A “gaveta” lhe proporciona um momento de preservação do passado, de estagnação do tempo nesse instante de lembranças. Somente através do poema é possível reter o tempo e sua ação corrosiva.

Passemos agora para a poesia de João Cabral. A memória também se fará presente na obra do poeta pernambucano, como ocorre em **Museu de tudo**. Diante da leitura da obra cabralina, desde **Pedra do sono** (1941) a **Andando Sevilha** (1989), é possível ressaltar, sob o prisma do tempo, assuntos relevantes de sua obra como a luta contra o acaso, a morte, a ausência e a angústia inerentes ao poeta.

Ao organizarmos os caminhos percorridos pela sua poesia, cremos nos aproximar cada vez mais do “cogito” do poeta que nos passa uma experiência única do ser-cabralino: um ser contido, aparentemente sem alma, mas que, ao recusá-la, confirma o seu ponto de vista espiritualista, visto que ao escolher a paisagem inóspita e desespiritualizada da matéria, o poeta se espiritualiza, transcende, pois em Cabral “a transcendência está na dureza do real”, como afirma José Castello em seu livro **O homem sem alma** (1996).

*O espelho partido*, de **Museu de tudo**, traz o câncer como metáfora da passagem do tempo. Semelhante ao tempo, o câncer rói-nos continuamente. Essa grande ferida, alimento de si mesma, a

liquidar o corpo-espaço existente, parece tomar conta do corpo/poema, multiplicando-se nos versos. É o que mostra o “signo” câncer repetido quatro vezes na estrofe:

Como *câncer*: signo da vida  
que multiplica e é destrutiva,  
*câncer* que leva outro mais dentro,  
o *câncer* do *câncer*, o tempo. [Grifos nossos]

**Serial** (1959-1961) traz poemas escritos em série, como o próprio título indica. São poemas divididos em quatro partes. Essa série de poemas ganha sentido em conjunto, no qual cada detalhe, cada estrofe faz parte de um todo maior: o **Serial**. Em **Serial** encontramos a descrição desde um simples objeto, como ocorre em *O relógio*, a um amplo lugar como em *O alpendre no canavial*.

Sendo a temática deste trabalho o tempo, elegeu-se *O relógio* para analisá-lo. Nele, a primeira metáfora escolhida para o tempo é “bicho”, sendo gradativamente amenizada no decorrer das estrofes, passando de um bicho em uma jaula a um pássaro em uma gaiola. Vejamos o poema por partes:

Ao redor da vida do homem  
há certas caixas de vidro,  
dentro das quais, como em jaula,  
se ouve palpitar um bicho.

Há a tentativa de descrever o que há dentro dessas caixas de vidro. O poema inicia-se investigando, buscando respostas diante da sua dúvida: “Se são jaulas *não é certo*” (grifo nosso). A incerteza do que vêm a ser essas “certas caixas de vidro” provoca o símile tão utilizado por João Cabral: “como em jaula”. A caixa de vidro comparada à jaula, que prende o bicho-tempo, passa a ser uma gaiola:

Se são jaulas não é certo;  
mais perto estão das gaiolas  
ao menos, pelo tamanho  
e quebradiço da forma.

De jaula resistente que detém um ser feroz, ela passa à delicadeza de uma gaiola que guarda um pássaro, de “alada palpitação”:

Umás vezes, tais gaiolas  
vão penduradas nos muros;  
outras vezes, mais privadas,  
vão num bolso, num dos pulsos.

Mas onde esteja: a gaiola  
será de pássaro ou pássara:  
é alada a palpitação,  
a saltação que ela guarda;

e de pássaro cantor,  
não pássaro de plumagem:  
pois delas se emite um canto  
de uma tal continuidade

A imagem dos ponteiros do relógio, semelhante às asas de um pássaro, remete-nos ao tempo-pássaro, ao desejo da ave de voar, de ganhar o céu e a liberdade, mas que impossibilitada de fazê-lo, tem de contentar-se com o curto bater de suas asas dentro do espaço limitado da gaiola. Nessa primeira parte do poema, vemos uma espécie de sondagem, de investigação minuciosa desse objeto relógio-jaula-gaiola.

têm sempre o mesmo compasso  
horizontal e monótono,  
e nunca, em nenhum momento,  
variam de repertório:

dir-se-ia que não importa  
a nenhum ser escutado.  
Assim, que não são artistas  
nem artesão, mas operários

A figura do operário veste bem o ponteiro do relógio que trabalha sem parar, no mesmo ritmo, mecanicamente. Diferentemente dos artesãos e artistas que fogem do compasso rotineiro do tempo, procurando evadir-se na arte, o trabalho dos ponteiros-operários

é simplesmente trabalho,  
trabalho rotina em série,  
impessoal, não assinado,

de operário que executa  
seu martelo regular  
proibido (ou sem querer)  
do mínimo variar.

Esse trabalho em série, como vemos no segundo verso do trecho acima, parece espelhar o trabalho do poeta, principalmente nessa obra, que leva como título: **Serial**. Esse livro traz o tema do fazer poético determinado e impessoal do poeta, que fiel à exatidão da série de poemas, assemelha-se à exatidão da série temporal.

Mecânicos e rotineiros, verdadeiros operários, os ponteiros do relógio trabalham sem parar. Contra essa mecanização, os versos nos mostram que os artistas, artesãos, são aqueles que fogem do compasso do tempo, da rotina, da temporalidade. Para eles o tempo da criação é o tempo absoluto, ao contrário do tempo do homem-operário.

Entretanto, a resistência do poeta almeja igualar-se à resistência do tempo, uma vez que este segue seu ritmo sem cansaço. Ao contrário de um operário, cuja mão é humana e, portanto falha,

João Cabral deseja a perfeição da mão mecânica do relógio (o ponteiro). Ele segue esta última, no intuito de vencer a fadiga, insistindo na precisão de sua mão poética, como se essa tivesse a precisão temporal dos relógios:

A mão daquele martelo  
nunca muda de compasso.  
Mas tão igual sem fadiga,  
mal deve ser de operário;

ela é por demais precisa  
para não ser mão de máquina,  
e máquina independente  
de operação operária.

Na terceira parte do poema, após o poeta haver examinado a forma (relógio, gaiola), o som (canto do pássaro) e o ritmo (humano, operário, mecânico), ele parte agora para a indagação a respeito da materialização do tempo. Falamos da mão do operário, da mão do poeta, e quanto à mão do tempo? O que move essa mão, cuja exatidão assemelha-se a uma máquina? E como funciona a maquinaria do tempo, se é isenta da mão operária? O poeta segue em busca de uma explicação para a força que move essa máquina do tempo. Aqui se começa a querer desvendar do que é feito o tempo, qual a composição de sua maquinaria. Podemos visualizar o fluido que passa por esta máquina? “Que fluido é ninguém vê”:

De máquina, mas movida  
por uma força qualquer  
que a move passando nela,  
regular, sem decrescer:

quem sabe se algum monjolo  
ou antiga roda de água  
que vai rodando, passiva,  
graças a um fluido que a passa;

O poeta persiste na definição desse fluido. Seria água? Seria o vento?

da água não mostra os senões:  
além de igual, é contínuo,  
sem marés sem estações.  
Seria então o vento?

E porque tampouco cabe  
por isso, pensar que é o vento,  
há de ser um outro fluido  
que a move: quem sabe, o tempo.



Finalmente, admite-se que o fluido do tempo não é outra coisa senão ele próprio. Após as tentativas de se tentar preencher tal máquina, atenta-se para o fato de que o tempo não pode ser preenchido por outra coisa a não ser por ele mesmo.

Na quarta e última parte do poema, há a interiorização do tempo. Notamos que o poeta desde o início parte do exterior, da simples “caixa de vidro” na qual pulsava um bicho, para apreender “agora, de dentro do homem”:

Quando por algum motivo  
a roda de água se rompe,  
outra máquina se escuta:  
agora, de dentro do homem;

outra máquina de dentro,  
imediate, a reveza,  
soando nas veias, no fundo  
de poça no corpo, imersa.

Percebemos a materialização do tempo. Ele é representado através de um relógio que, por sua vez, é representado por um coração de “alada palpitação” a contabilizar nossa existência.

Atenta-se agora para um canto diferente, não mais o de pássaro rouco preso numa gaiola, mas “o som da máquina” de dentro, o pulsar do coração, substituindo a palpitação do pássaro. A força que dava impulso à máquina é encontrada agora na “bomba motor” (coração) que o homem leva dentro de si:

se descobre nele o afogo  
de quem, ao fazer, se esforça,  
e que ele, dentro, afinal,  
revela vontade própria,

incapaz, agora, dentro,  
de ainda disfarçar que nasce  
daquela bomba motor  
(coração, noutra linguagem)

Essa “vontade própria”, diferente do ritmo mecânico dos ponteiros/operários, é o ritmo que damos à nossa vida. O poema parece compreender um círculo, como o movimento do ponteiro do relógio, como o bater do coração. Ambos os movimentos são incessantes.

O último exemplo sugere um relógio que carregamos no peito, cujo pulsar também contabiliza nossa vida como o tempo externo socializado do relógio. Essa não é a primeira vez que o poeta tratará de tempo-interno, tempo-externo. Se o fluido do tempo é o próprio tempo, esgotando-se nele próprio, o mesmo ocorre com o coração que

vive a esgotar, gota a gota,

o que o homem de reserva,  
possa ter na íntima poça.

Aqui cabe voltar ao primeiro compasso do poema. No primeiro verso de *O relógio* temos: “Ao redor da vida do homem” (grifo nosso). *Ao redor* do homem o tempo o envolve como uma membrana, uma gaiola invisível, como a proteção da lente transparente que envolve o relógio (a caixa de vidro). Assim, vivemos dentro de uma caixa de vidro (da redoma do tempo). A ideia de que o mundo e seu movimento podem ser representados pelo pulsar do relógio é exposta nesse poema de Cabral.

Mas o tempo em **Serial** não é só o do “bicho” que palpita na jaula, indicando uma ameaça; é também o tempo da memória, o tempo de dentro, que “revela vontade própria” como ocorre no trabalho poético, em que o tempo parece estar suspenso, entregue ao labor do poeta que saboreia cada segundo em palavras, sons e rimas que obedecem ao ritmo do pulsar do tempo de dentro: o tempo do ser, “que nasce daquela bomba motor/(coração, noutra linguagem)”.

A brevidade da vida equilibra-se neste fio-tempo delicado, no pulsar da existência, na batida do coração, no compasso do relógio. O pulsar do tempo é a duração do curso da vida. E a “moeda do tempo” é o preço que compramos (ou vendemos) instantes que não voltam mais.

Terminamos essa breve reflexão sobre o tempo e o poema com os versos de Gastão Cruz em *Um modo de viver*, de **Repercussão**:

[...] São compridos os  
dias mas cada vez mais breves as secções  
da vida [...]

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Rosanne Bezerra de. **Travessia cabralina**: temáticas do tempo em João Cabral. 2002. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

CANDIDO, Antonio. Poesia ao norte. **Remate de males**. Campinas, 1999.

CARONE, Modesto. **A poética do silêncio**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

CASTELLO, José. **O homem sem alma**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

CRUZ, G. **A moeda do tempo e outros poemas**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

NAVA, L. M. Os poetas revelados entre 1960 e 1990. In:\_\_\_\_\_. **Ensaio reunidos**. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

MERQUIOR, José Guilherme. **Razão do poema**. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

\_\_\_\_\_. **A astúcia da mímese**: ensaios sobre lírica. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

SENNA, Marta de. **João Cabral**: tempo e memória. Rio de Janeiro: Antares, 1980